

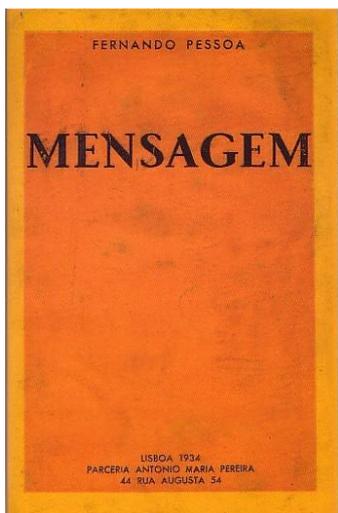
“Mensagem” - Fernando Pessoa

Gravação poesias e edição: Luiz Antonio Batista da Rocha

Membro da Academia Barretense de Cultura - ABC

www.outorga.com.br - rocha@outorga.com.br

Mensagem é um livro do poeta português **Fernando Pessoa**, publicado ainda em vida. Composto por 44 poemas, foi chamado pelo poeta de "livro pequeno de poemas".



Fernando António Nogueira Pessoa- * 13/06/1888 - Lisboa – + 30/11/1935 - Lisboa - Portugal

Publicado em 1934 pela Parceria António Maria Pereira, o livro foi contemplado no mesmo ano com o **Prémio Antero de Quental**, na categoria de «**poema ou poesia solta**», do Secretariado da Propaganda Nacional, dirigido por António Ferro, o jovem editor da Orpheu, revista trimestral de literatura, de que saíram dois números em 1915.

Publicada apenas um ano antes da morte do autor, a obra trata do glorioso passado de Portugal de forma apologética e tenta encontrar um sentido para a antiga grandeza e a decadência existente na época em que o livro foi escrito.

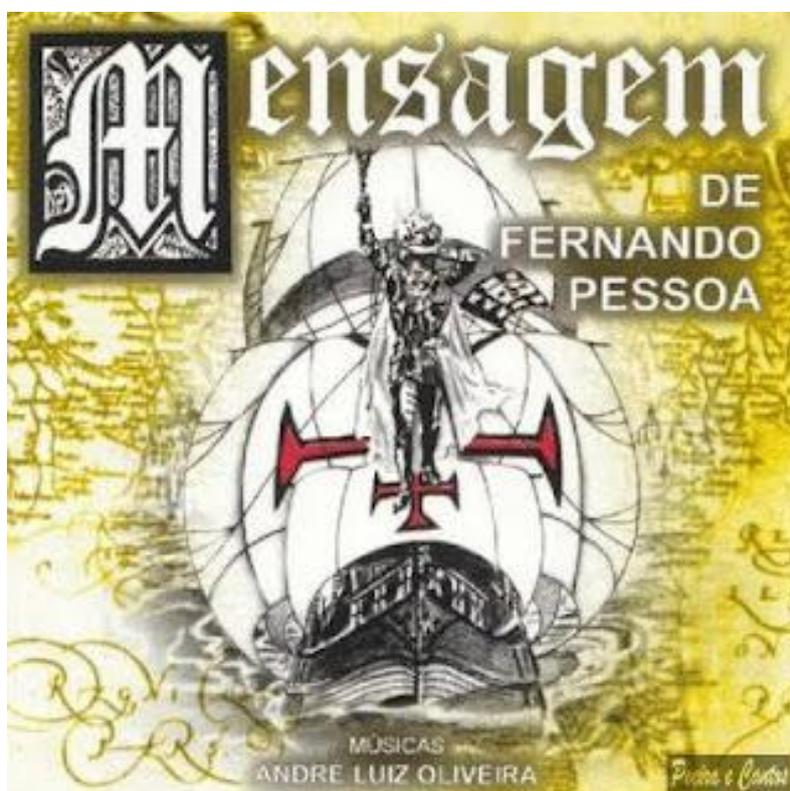
Glorifica acima de tudo o estilo camoniano e o valor simbólico dos heróis do passado, como os **Descobrimientos portugueses**.

É apontando as virtudes portuguesas que Fernando Pessoa acredita que o país deva se "regenerar", ou seja, tornar-se grande como foi no passado através da valorização cultural da nação. **O poema mais famoso do livro é Mar Português**.

ÁLBUM MENSAGEM

O **Álbum Mensagem** foi idealizado pelo compositor e cineasta baiano **André Luiz Oliveira**. Grande admirador do poeta português **Fernando Pessoa**, em **1986**, no **cinquentenário de morte do poeta**. Musicou diversos poemas do livro “**Mensagem**” (1934). As músicas são interpretadas por vários cantores:

1. [Padrão – Caetano Veloso](#)
2. [O Infante – Elba Ramalho](#)
3. [Os Avisos.... \(Terceiro\) – Ney Matogrosso](#)
4. [A Última Nau – Zé Ramalho](#)
5. [O Desejado – Elizeth Cardoso](#)
6. [O Bandarra – Moraes Moreira](#)
7. [Prece – Gilberto Gil](#)
8. [Nevoeiro – Gal Costa](#)
9. [Epitáfio de Bartolomeu Dias – Belchior](#)
10. [Noite – Gloria de Lourdes](#)
11. [Dona Philippa de Lencastre – Cida Moreira](#)
12. [Mar Português – Andre Luiz Oliveira](#)



Arrebatado pela riqueza da obra de **Fernando Pessoa**, por quem nutre uma antiga paixão, o **músico, escritor, compositor e cineasta baiano André Luiz Oliveira** transformou seu amor em sons.



Particularmente impressionado pela mística que envolve o **livro Mensagem – única publicação em vida de Pessoa**, ele mesmo –, **André Luiz Oliveira compôs músicas para 25 desses poemas** e as registrou nos CDs "**Mensagem 1**", feito há duas décadas, e "**Mensagem 2**", que saiu, em **2004**, em comemoração aos 70 anos da primeira edição do prestigiado volume.

Em **21 de Janeiro de 2008**, o baiano relançou ambos os produtos na loja de discos Midialouca (Rio Vermelho), e lançou o **DVD "Mensagem 2"**, que reúne imagens captadas durante as gravações do disco homônimo.

O vídeo digital exibe a interpretação, em estúdio, de cantores que participaram do projeto, todos eles também admiradores do poeta lusitano, como Milton Nascimento, Monica Salmaso, Cida Moreira, Gilberto Gil, Elba Ramalho, Paula Rasec, os portugueses Glória de Lurdes e Mário Lúcio, Edson Cordeiro, Ná Ozzetti, Daniela Mercury, Zeca Baleiro e o próprio André Luiz Oliveira.

Making of, galeria de fotos, poemas e depoimentos dos cantores sobre a obra de Pessoa aparecem nos extras do DVD, assim como análises a respeito do livro Mensagem realizadas por professores universitários ligados à obra do bardo português. Fonte (texto completo): Blog [Poeiras e Cantos](#)



Dorme enquanto eu velo...
Deixa-me sonhar...
Nada em mim é risonho,
Quero-te para sonho,
Não para te amar.
É fria em meu querer.
Os meus desejos são
cansaços.
Nem quero ter nos braços
Meu sonho do teu ser.
Dorme, dorme, dorme,
Vaga em teu sorrir...
Sonho-te tão atento
Que o sonho é encantamento
E eu sonho sem sentir.



(Fernando Pessoa)

MENSAGEM – UMA COMUNHÃO DE PESSOAS



A mensagem de **Fernando Pessoa** traduz em linguagem épica e metafórica uma aspiração antiga do ser humano, o sentimento mais ou menos obscuro e presente de que existe um mundo interior a ser descoberto à semelhança dos descobrimentos portugueses.

Essa sensação de intervalo, essa ansia doída contida nos versos do Poeta reflete aquilo que não temos e não vemos, mas desejamos e queremos: o lugar encoberto onde reina nós mesmos. Navegar por dentro.

Desejar o espírito argonauta era pouco e a forma que encontrei para comungar com ele foi a música. Musicar os poemas de Mensagem foi um desdobramento quase natural do meu primeiro contato com esta obra 20 anos atrás.

Intuitivamente eu sabia que, quando estivesse pronto para expressar esse encontro, isso aconteceria. Assim foi, as músicas desceram como molduras sobre telas e, cumprindo apenas a missão de se integrar-se a elas, integraram-me a êle.

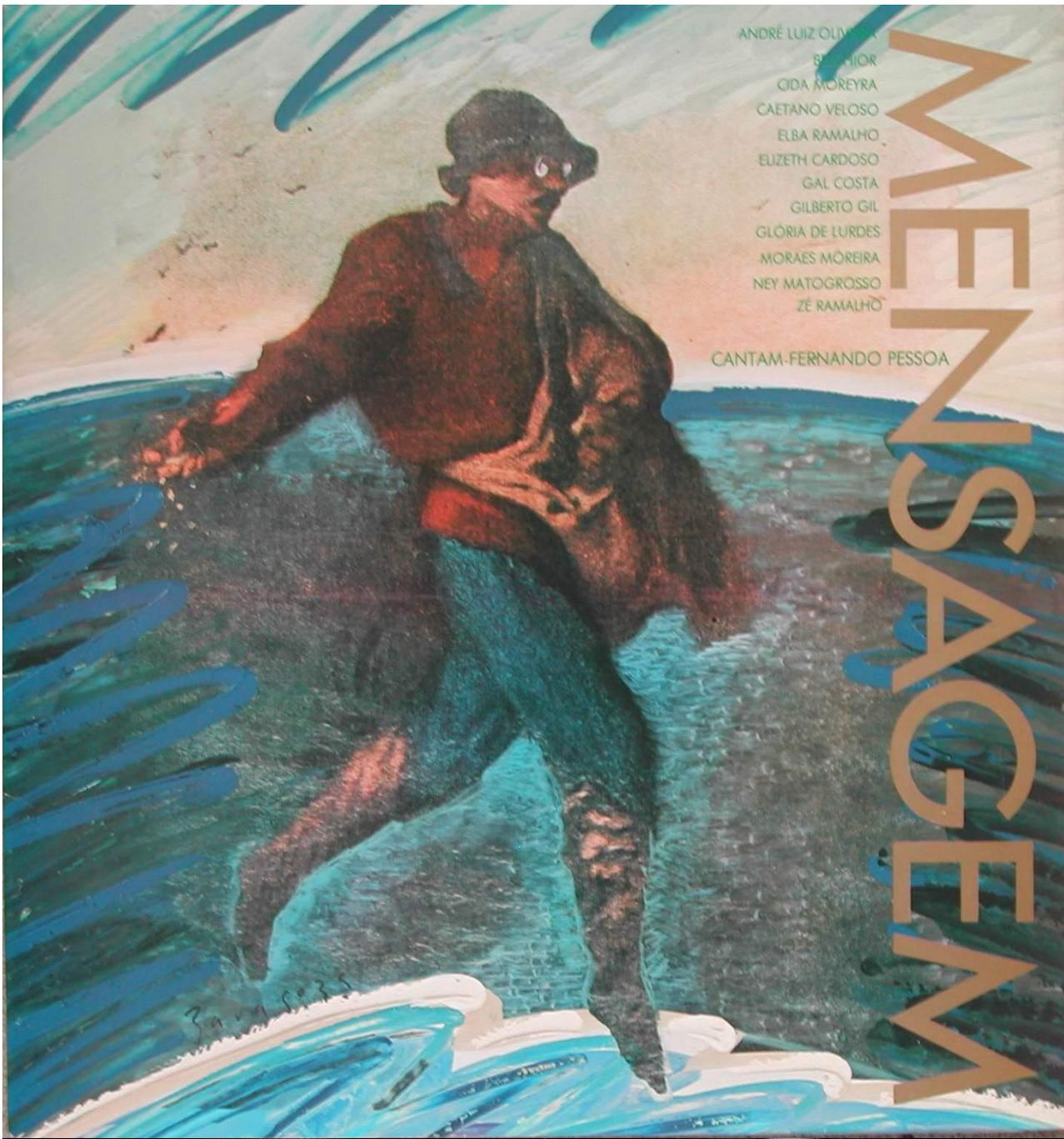
O disco, porém, jamais teria sido feito não fosse a decisão querida e decisiva desses artistas, essas imensas pessoas que no momento certo avalizaram esse trabalho permitindo que ele seguisse viagem. E esse clima de magia prossegui nas reuniões, durante as gravações, na grata prova em Portugal iluminando o projeto e tornando o disco Mensagem uma verdadeira **COMUNHÃO DE PESSOAS**.



André Luiz Oliveira. – Músico

Músico, escritor, compositor e cineasta baiano

Compositor das músicas do Álbum Mensagem - CD1 e CD2 e DVD



ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA
 BENEVIDES
 CIDA MOREIRA
 CAETANO VELOSO
 ELBA RAMALHO
 ELIZETH CARDOSO
 GAL COSTA
 GILBERTO GIL
 GLÓRIA DE LURDES
 MORAES MOREIRA
 NEY MATOGROSSO
 ZÉ RAMALHO

CANTAM FERNANDO PESSOA

MENSAGEM



LADO A

PADRÃO

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para deante naveguei.
A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão signala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.
E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.
E a cruz ao alto diz que o que me ha na alma
Faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

CANTA: CAETANO VELOSO

O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quiz que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,
E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.
Quem te sagrou creou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

CANTA: ELBA RAMALHO

OS AVISOS... (TERCEIRO)

Screvo meu livro à beira-magua.
Meu coração não tem que ter.
Tenho meus olhos quentes de água.
Só tu, Senhor, me das viver.
Só te sentir e te pensar
Meus dias vacuos enche e doura.
Mas quando queres voltar?
Quando é o Rei? Quando é a Hora?
Quando virás a ser o Christo
De a quem morreu o falso Deus,
E a despertar do mal que existo
A Nova Terra e os Novos Céus?
Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras português,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande aneio que Deus fez?
Ah, quando queres, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da nevoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

CANTA: NEY MATOGROSSO

A ÚLTIMA NAU

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ancia e de presago
Mysterio.
Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro
E breve.
Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta
E entona,
E em mim, num mar que não tem tempo ou
spaço,

Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que toma.
Não sei a hora, mas sei que ha a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mysterio.
Surges ao sol em mim, e a nevoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Imperio.

CANTA: ZÉ RAMALHO

O DESEJADO

Onde quer que, entre sombras e dizeres,
Jazas, remoto, sente-te sonhado,
E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!
Vem, Galaaz com patria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,
A alma penitente do teu povo
À Eucharistia Nova.
Mestre da Paz, ergue teu gladio ungrado,
Excalibur do Fim, em geito tal
Que sua Luz ao mundo dividido
Revele o Santo Gral!

CANTA: ELIZETH CARDOSO

O BANDARRA

Sonhava, anonymo e disperso,
O Imperio por Deus mesmo visto,
Confuso como o Universo
E plebeu como Jesus Christo
Não foi nem santo nem heroe,
Mas Deus sagrou com Seu signal
Este, cujo coração foi
Não português mas Portugal.

CANTA: MORAES MOREIRA

LADO B

PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.
Mas a chamma, que a vida em nós creou,
Se ainda ha vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguel-a ainda.
Dá o sopro, a aragem, — ou desgraça ou ancia —,
Com que a chamma do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

CANTA: GILBERTO GIL

NEVOEIRO

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra.
Que é Portugal a entristecer —
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fatuo encerra.
Ninguém sabe que coisa quere.
Ninguém conhece que alma tem.
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ancia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...
É a Hora!

CANTA: GAL COSTA

EPITÁFIO DE BARTOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.

CANTA: BELCHIOR

NOITE

A nau de um d'elles tinha-se perdido
No mar indefinido.
O segundo pediu licença ao Rei
De, na fé e na lei
Da descoberta, ir em procura
Do irmão do mar sem fim e a nevoa escura.
Tempo foi. Nem primeiro nem segundo
Volveu do fim profundo
Do mar ignoto à patria por quem dera
O enigma que fizera.
Então o terceiro a El-Rei rogou
Licença de os buscar, e El-Rei negou.
Como a um captivo, o ouvem a passar
Os servos do solar.
E, quando o vêem, vêem a figura
Da febre e da amargura,
Com fixos olhos rasos de ancia
Fitando a prohibida azul distancia.
Senhor, os dois irmãos do nosso Nome
O Poder e o Renome —
Ambos se foram pelo mar da idade
À tua eternidade:
E com elles de nós se foi
O que faz a alma poder ser de heroe.
Queremos ir buscal-os, d'esta vil
Nossa prisão servil:
É a busca de quem somos, na distancia
De nós: e, em febre de ancia,
A Deus as mãos alçamos.
Mas Deus não dá licença que partamos.

CANTA: GLÓRIA DE LURDES

DONA PHILIPPA DE LENCASTRE

Que enigma havia em teu seio
Que só genios concebia?
Que archanjo teus sonhos veio
Vellar, maternos, um dia?
Volve a sós teu rosto serio,
Prinzeza do Santo Gral,
Humano ventre do Imperio,
Madrinha de Portugal!

CANTA: CIDA MOREYRA

MAR PORTUGUEZ

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quere passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle é que espelhou o céu.

CANTA: ANDRÉ LUIZ OLIVEIRA

MENSAGEM – FERNANDO PESSOA

1 - Padrão

letra: Fernando Pessoa - 13-9-1918

música: André Luiz Oliveira

Canta: Caetano Veloso

Declamação: Jose Vicente Dias Leme

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão sinala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quintas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.

E a cruz no alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.



Comentários:

Os padrões eram marcos de pedra que os navegadores portugueses levavam - traziam - no porão dos navios e fixavam nas praias encontradas, como forma de marcar a sua posse pelo Rei de Portugal.

Diogo Cão esteve entre os primeiros navegadores que exploraram as costas da África tendo feito importantes contatos com os povos africanos.

Posteriormente disse ter logrado passar o **Bojador**, o grande desafio que correspondia a ter encontrado o desejado caminho marítimo para as Índias. Essa notícia não se confirmou e o navegador caiu em desgraça.

Este é o poema de Pessoa que de forma mais singela e expressiva compreende a grande aventura das navegações, das quais, gostemos ou não, somos todos de alguma forma herdeiros. Quem sabe, mais do que isso, resume a própria aventura humana

2 - O Infante

letra: Fernando Pessoa

música: André Luiz Oliveira

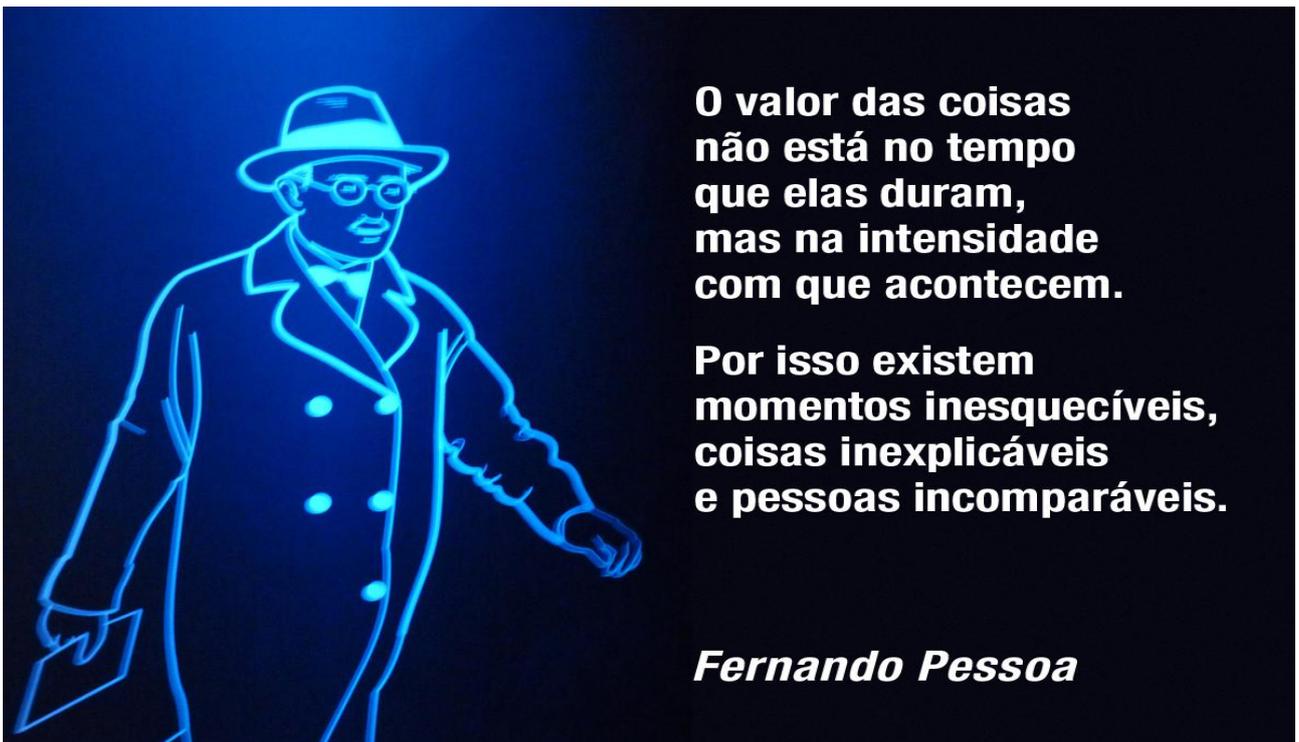
Canta: Elba Ramalho

Declamação: José Vicente Dias Leme

Deus quer e, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!



**O valor das coisas
não está no tempo
que elas duram,
mas na intensidade
com que acontecem.**

**Por isso existem
momentos inesquecíveis,
coisas inexplicáveis
e pessoas incomparáveis.**

Fernando Pessoa

3 - Os Avisos (terceiro)

Canta: Ney Matogrosso

letra: Fernando Pessoa

música: André Luiz Oliveira

Declamação: José Vicente Dias Leme

Screvo meu livro à beira-magua
Meu coração não tem que ter.
Tenho meus olhos quentes de água.
Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar
Meus dias vácuos enche e doura.
Mas quando quiserás voltar?
Quando é o rei? Quando é a hora?

Quando virás a ser o Cristo
De a quem morreu o falso Deus,
E a despertar do mal que existo
A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras português,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande anseio que Deus fez?

Ah, quando quiserás, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da névoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?



4 - A Última Nau

Canta: Zé Ramalho

letra: Fernando Pessoa

música: André Luiz Oliveira

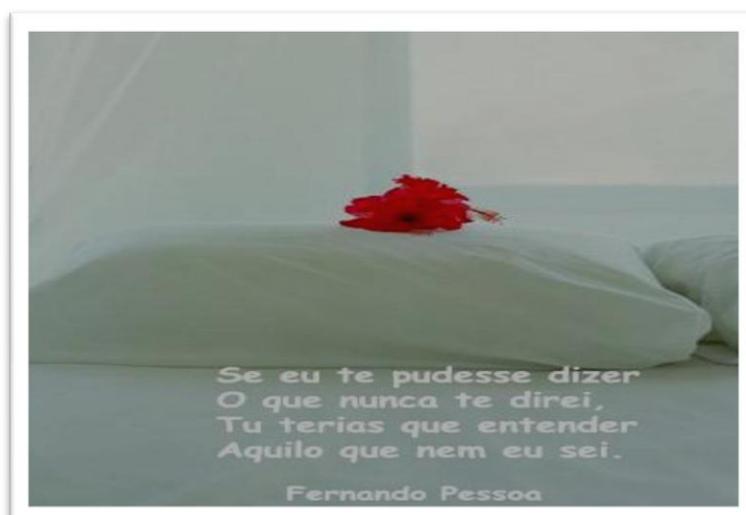
Declamação: José Vicente Dias Leme

Levando a bordo El-Rei Dom Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto, o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ancia e de pressago
Mistério.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Volverá da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,
Mas Sua luz projeta-o, sonho escuro
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minh'alma atlântica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que há a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mistério.
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Império.



Comentários:

"aziago"- de um dia infeliz; de mau agouro. "erma"- desamparada, só.

"ao sol aziago erma"- desamparada sob um céu de mau agouro; enfrentando sozinha um destino adverso.. "ancia"- ortografia clássica de "ânsia".

"pressago"- que prediz algo, que é prenúncio de qualquer coisa.

"Deus guarda(...) o futuro, mas(...) projeta-o, sonho escuro e breve"- só Deus sabe o futuro mas (como o Destino está traçado) por vezes permite aos homens entrevê-lo em breves lampejos indefinidos (escuros).

"falta a alma"- estão desalentados. "e entorna"- e extravasa. "que torna"- que regressa.

As duas últimas estrofes referem o regresso de D. Sebastião, que o poeta diz ser certo embora não saiba quando.

E ao regressar vem ainda com a determinação de construir um império universal (se bem que não material, mas do espírito- como se depreende de outros escritos de Fernando Pessoa).

NOTA: Este poema constitui uma espécie de fulcro de Mensagem. Inicia-se em 1578 com a partida de D. Sebastião, entre sinais de mau presságio, para Marrocos.

A nau com a sua bandeira içada nunca mais voltou e o embarque de D. Sebastião torna-se místico pelo seu desaparecimento material e comparável ao do Rei Artur, após a batalha de Camlan, para a Ilha Encantada de Avalon ("a que ilha indescoberta aportou?").

Com o desaparecimento de D. Sebastião morre, aparentemente, o sonho de um império universal sob o seu cetro. Neste momento Fernando Pessoa, que até agora se tinha referido ao passado de Portugal, diz, num aparte, que o futuro é por vezes intuível aos homens e passa imediatamente a contar a sua visão do porvir.

A Última Nau volta e trás um vulto (**O Desejado**) que Pessoa assemelha a D. Sebastião, que vem retomar a caminhada para o império universal- já não material, mas espiritual- que será o Quinto Império sonhado pelo Padre António Vieira.



5 - O Desejado

letra: Fernando Pessoa

música: André Luiz Oliveira

Canta: Elizeth Cardoso

Declamação: José Vicente Dias Leme

Onde quer que, entre sombras e dizeres,
Jazas, remoto, sente-se sonhado,
E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,
A alma penitente do teu povo
À Eucaristia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gládio unguido,
Excalibur do Fim, em jeito tal
Que sua Luz ao mundo dividido
Revele o Santo Gral!



6 - O Bandarra

letra: Fernando Pessoa

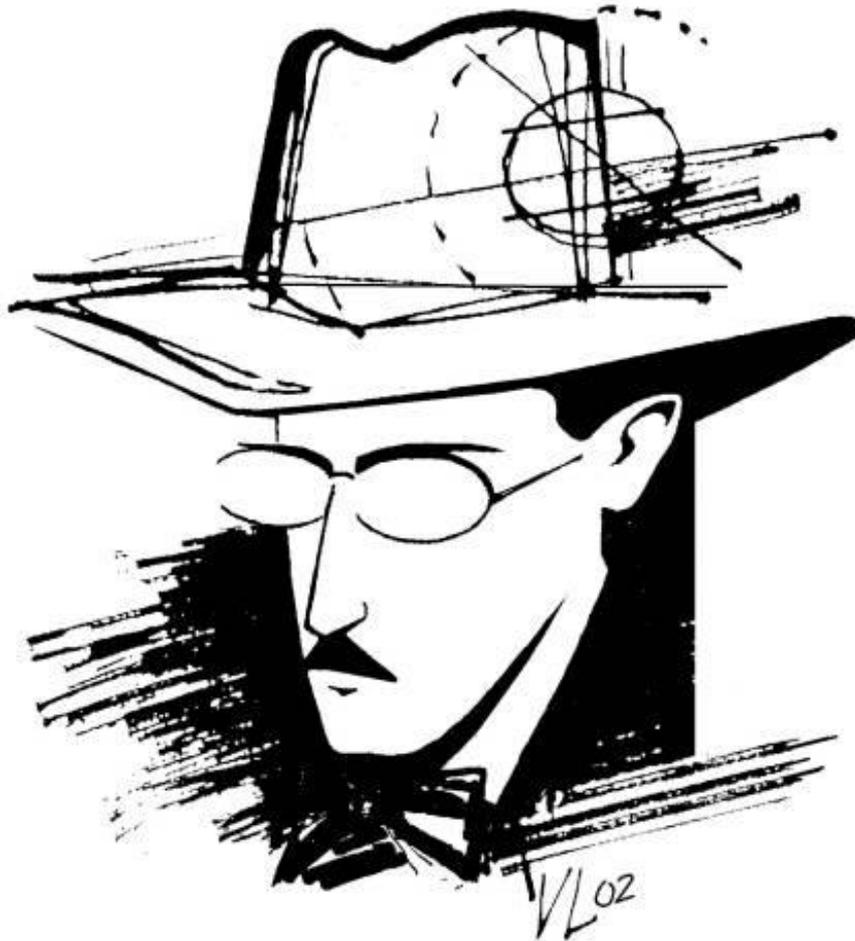
música: André Luiz Oliveira

Canta: Moraes Moreira

Declamação: José Vicente Dias Leme

Sonhava, anônimo e disperso,
O Império por Deus mesmo visto,
Confuso como o Universo
E plebeu como Jesus Cristo.

Não foi nem santo nem herói,
Mas Deus sagrou com Seu sinal
Este, cujo coração foi
Não português, mas Portugal.



7 - Prece

letra: Fernando Pessoa

Canta – Gilberto Gil

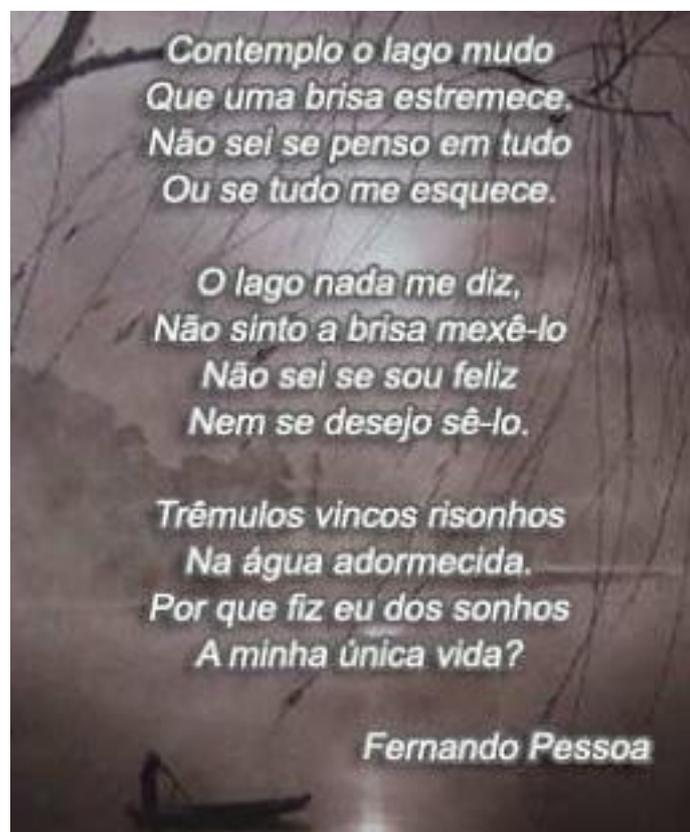
música: André Luiz Oliveira

Declamação: José Vicente Dias Leme

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode ergue-la ainda.

Dá o sopro, a aragem - ou desgraça ou ânsia-
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância –
Do mar ou outra, mas que seja nossa!



8 - Nevoeiro

letra: Fernando Pessoa música: André Luiz Oliveira

Canta: Gal Costa

Declamação: José Vicente Dias Leme

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
define com perfil e ser
este fulgor baço da terra
que é Portugal a entristecer –
brilho sem luz e sem arder,
como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quere.
Ninguém conhece que alma tem,
nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ância distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...
É a Hora!



Comentários:

Neste poema, o último de Mensagem, Fernando Pessoa transmite uma imagem desencantada da realidade do Portugal dos seus dias... Mas para concluir que essa situação é, afinal, o nevoeiro de que falam as profecias e que marcará o regresso de D. Sebastião.

A conclusão de que o nevoeiro que se esperava não é, afinal, literal (físico), mas antes simbólico (social e político) permite-lhe acabar o Poema com uma "volta" final ao gritar: "**É a Hora!**".

"**fogo-fátuo**"- chama azulada, em geral breve, resultante da combustão espontânea de uma mistura de metano e ar em determinadas proporções.

O metano (gás dos pântanos) é produzido naturalmente pela decomposição da matéria orgânica, vegetal ou animal. A combustão produz calor, mas como é muito breve a chama pode parecer fria.



9 - Epitáfio de Bartholomeu Dias

Letra: Fernando Pessoa música: André Luiz Oliveira

Canta : Benchior

Declamação: José Vicente Dias Leme

Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu hombro.



Comentários:

"Epitáfio"- inscrição tumular. "Jaz aqui na praia extrema o Capitão do Fim"- refere-se a Bartolomeu Dias, que descobriu o fim do Continente Africano (e limite austral do Mundo de então) e acabou por desaparecer num naufrágio ao largo do Cabo da Boa Esperança em 1500.

Pessoa supõe o seu corpo dado à costa na praia extrema (mais a sul) de África. "Dobrado o Assombro"- passado o cabo do medo; vencido o terror (aqui: dobrado o Cabo da Boa Esperança).

Atlas- um dos titãs, condenado por Zeus a carregar no ombro a esfera do firmamento.

Aqui Pessoa põe o titã a mostrar, não a esfera celeste, mas a Terra redonda, de cuja esfericidade ainda se duvidava nos séculos XV e XVI.

Bartolomeu Dias, descobridor do Cabo da Boa Esperança, comandava uma das naus da armada de Pedro Álvares Cabral que desapareceu durante uma tempestade ao largo desse mesmo cabo em 1500. Na alegoria acima, as sereias transportam o corpo do grande navegador.

Lisboa, Portugal. 05 de setembro de 2003.

10 –Noite

letra: Fernando Pessoa música: André Luiz Oliveira

Canta : Glória de Lurdes Declamação: José Vicente Dias Leme

A nau de um d'eles tinha-se perdido
no mar indefinido.

O segundo pediu licença ao Rei
de, na fé e na lei
da descoberta ir em procura
do irmão no mar sem fim e a névoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo
volveu do fim profundo
do mar ignoto à pátria por quem dera
o enigma que fizera.
Então o terceiro a El-Rei rogou
licença de os buscar, e El-Rei negou.

Como a um captivo, o ouvem a passar
os servos do solar.
E, quando o vêem, vêem a figura
da febre e da amargura,
com fixos olhos rasos de ânsia
fitando a proibida azul distancia.

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome
– O Poder e o Renome –
ambos se foram pelo mar da idade
à tua eternidade;
e com eles de nós se foi
o que faz a alma poder ser de herói.
Queremos ir buscá-los, d'esta vil
nossa prisão servil:
é a busca de quem somos, na distancia
de nós; e, em febre de ânsia,
a Deus as mãos alçamos.
Mas Deus não dá licença que partamos.



Comentários:

O poema refere o episódio da exploração da América pelos irmãos Corte-Real: Gaspar explorou as costas do Canadá em 1500, mas não regressou de uma viagem similar no ano seguinte. O seu irmão Miguel foi procurá-lo com três navios que se separaram ao atingir a América.

O navio de Miguel nunca mais foi visto embora os outros dois tenham regressado a Portugal. Finalmente o terceiro irmão, Vasco, viu recusado por D. Manuel o pedido de autorização de procurar os irmãos, uma vez que a sua eventual morte representaria o fim da linhagem.

O rei enviou ele-próprio uma expedição de salvamento que não encontrou vestígios dos desaparecidos.

"Noite" (em relação ao advento do Quinto Império) refere um episódio apropriadamente passado antes do **Bandarra** ou **D. Sebastião** terem sequer nascido, mas é provável que tenha sido redigido para outro fim e aproveitado por Pessoa quando, em 1934, se apressava a completar

Mensagem para apresentar o livro a um concurso de poesia. "não volveu à pátria por quem dera o enigma que fizera"- não voltou à Pátria pela qual deu a vida (o enigma é a circunstância do seu misterioso desaparecimento). **"ambos se foram à Tua eternidade"- ambos morreram.**

"com eles de nós se foi o que faz a alma poder ser de herói"- com eles perdeu Vasco o alento e a ousadia. "queremos ir buscá-los desta vil prisão"- (fala Vasco) **quero morrer para ir ter com eles (a "prisão servil" é a vida).**

"Deus não dá licença que partamos"- falhado o pedido feito ao rei para ir a busca dos irmãos, Vasco pede então a Deus que o liberte da amargura e o leve para se reunir aos irmãos no Além, **mas Deus não lhe concede a morte...**

11 – Dona Philippa de Lencastre

letra: Fernando Pessoa

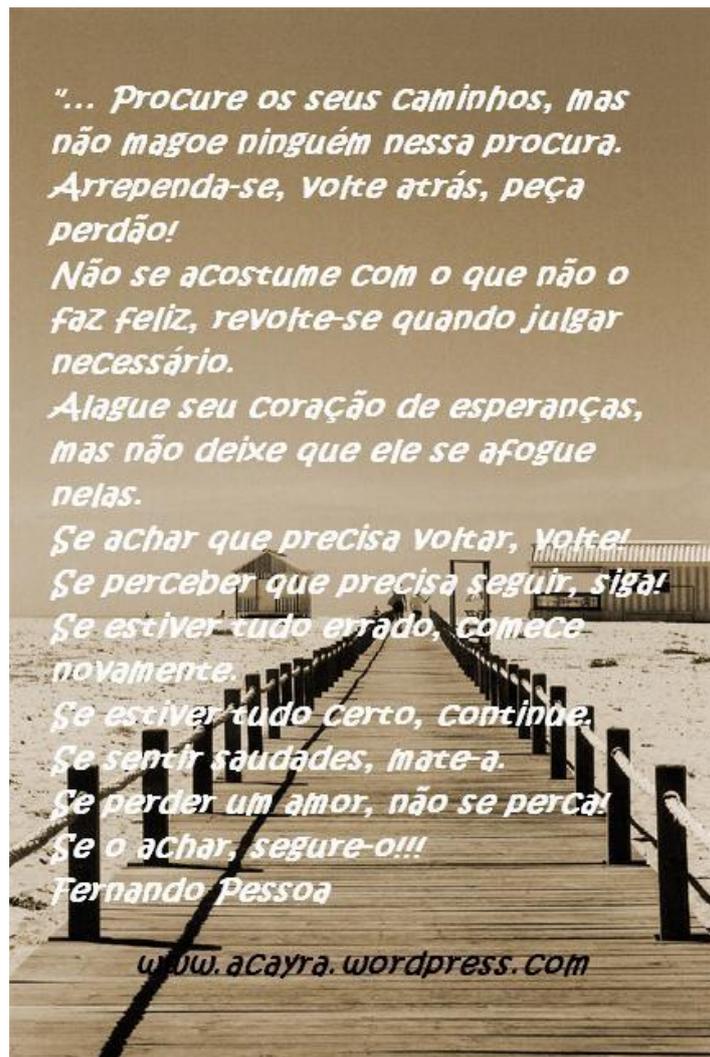
música: André Luiz Oliveira

Canta: Cida Moreyra

Declamação: José Vicente Dias Leme

Que enigma havia em teu seio
Que só gênios concebia?
Que arcanjo teus sonhos veio
Velar, maternos, um dia?

Volve a nós teu rosto sério,
Princesa do Santo Gral,
Humano ventre do Império,
Madrinha de Portugal!



Comentários:

D. João o Primeiro: "O homem e a hora são um só, quando Deus faz e a História é feita"- Fernando Pessoa exprime de novo a ideia de que o destino é traçado por Deus e rege inexoravelmente a História.

Quando uma nação atinge uma encruzilhada (como Portugal em 1383) *é a hora* e os escolhidos executam os atos determinados.

O homem é o papel que desempenhou, este é o requerido pela ocasião (pela *hora*), a ocasião é determinada pelo Destino, o Destino foi traçado por Deus... (simples, não?).

Conhecemos D. João I porque teve a sua hora; sem ela teria sido um obscuro mestre de uma ordem militar obscura. Sem a hora não teria havido o homem...

"na ara da nossa alma interna"- no altar do nosso espírito nacional.

"repele a sombra eterna"- repele o olvido, que seria o destino de Portugal se perdesse a sua identidade como nação.

D.Filipa de Lencastre: "Que enigma havia em teu seio que só gênios concebia"- referência à chamada "íncrita geração" dos filhos de D. Fillipa e D.João I.

"Volve a nós teu rosto sério"- vira o teu rosto (sisoado...) e olha para nós; lembra-te de Portugal; reza por nós!

"Princesa do Santo Gral"- referência ao Graal procurado pelos cavaleiros medievais das lendas da Távola Redonda.

Existem várias versões sobre o que seria, mas a mais comum refere-o como a taça de onde Cristo bebera na Última Ceia e/ou que teria recolhido o seu sangue na Cruz.

A referência deve ser interpretada como "Princesa mística" porque fadada por Deus para ser mãe dos príncipes da íncrita geração e muito particularmente do Infante D. Henrique; ou "Princesa da grandeza (futura) de Portugal" (**o Graal era suposto trazer felicidade à Terra**).



12 – Mar Português

letra: Fernando Pessoa

música: André Luiz Oliveira

Canta: André Luiz Oliveira

Declamação: José Vicente Dias Leme

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

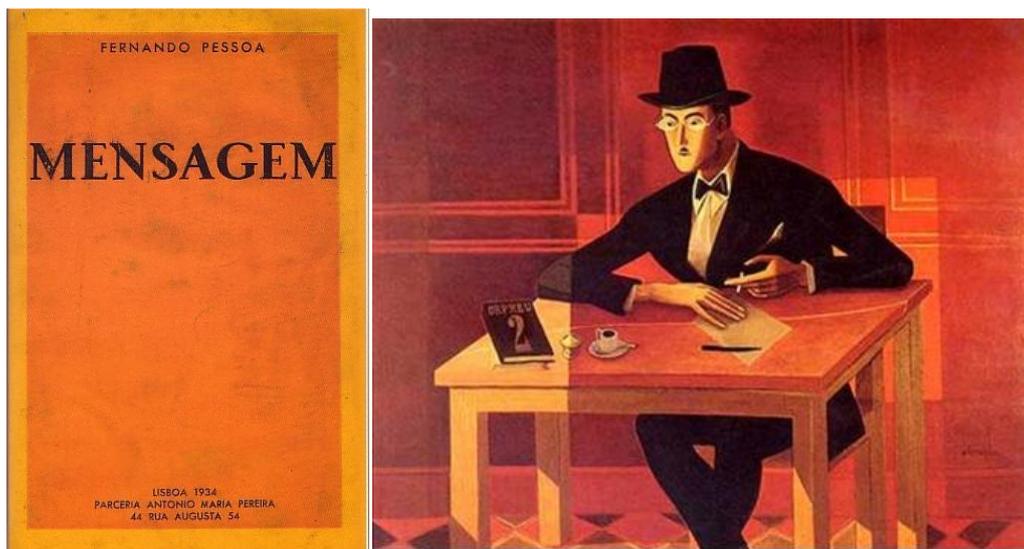


Gravação poesias e edição: Luiz Antonio Batista da Rocha

Membro da Academia Barretense de Cultura - ABC

www.outorga.com.br - rocha@outorga.com.br

MENSAGEM – FERNANDO PESSOA



Fernando António Nogueira Pessoa- * 13/06/1888 - Lisboa – + 30/11/1935 - Lisboa - Portugal

Mensagem é um livro do poeta português **Fernando Pessoa**, publicado ainda em vida - 1934. Composto por **44 poemas**, foi chamado pelo poeta de "livro pequeno de poemas".

PRIMEIRO - O DOS CASTELOS

A Europa jaz, posta nos cotovelos:

De Oriente a Ocidente jaz, fitando,

E toldam-lhe românticos cabelos

Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;

O direito é em ângulo disposto.

Aquele diz Itália onde é pousado;

Este diz Inglaterra onde, afastado,

A mão sustenta, em que se apóia o rosto.

Fita, com olhar esfíngico e fatal,

O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

SEGUNDO - O DAS QUINAS

Os Deuses vendem quando dão.

Compra-se a glória com desgraça.

Ái dos felizes, porque são

Só o que passa!

Baste a quem baste o que lhe basta

O bastante de lhe bastar!

A vida é breve, a alma é vasta:

Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza

Que Deus ao Cristo definiu:

Assim o opôs à Natureza

E Filho o ungiu.

PRIMEIRO - ULISSES

O mito é o nada que é tudo.

O mesmo sol que abre os céus

É um mito brilhante e mudo

O corpo morto de Deus,

Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,

Foi por não ser existindo.

Sem existir nos bastou.

Por não ter vindo foi vindo

E nos criou.

Assim a lenda se escorre

A entrar na realidade,

E a fecundá-la decorre.

Em baixo, a vida, metade

De nada, morre.

SEGUNDO - VIRIATO

Se a alma que sente e faz conhece

Só porque lembra o que esqueceu,

Vivemos, raça, porque houvesse

Memória em nós do instinto teu.

Nação porque reencarnaste,

Povo porque ressuscitou

Ou tu, ou o de que eras a haste –

Assim se Portugal formou.

Teu ser é como aquela fria

Luz que precede a madrugada,

E é já o ir a haver o dia

Na antemanhã, confuso nada.

TERCEIRO - O CONDE D. HENRIQUE

Todo começo é involuntário.

Deus é o agente,

O herói a si assiste, vário

E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada

Teu olhar desce.

«Que farei eu com esta espada?»

QUARTO - D. TAREJA

As nações todas são mistérios.

Cada uma é todo o mundo a sós.

Ó mãe de reis e avó de impérios,

Vela por nós!

Teu seio augusto amamentou

Com bruta e natural certeza

O que, imprevisto, Deus fadou.

Por ele reza!

Dê tua prece outro destino

A quem fadou o instinto teu!

O homem que foi o teu menino

Envelheceu.

Mas todo vivo é eterno infante

Onde estás e não há o dia.

No antigo seio, vigilante,

De novo o cria.

Ergueste-a, e fez-se.

QUINTO - D. AFONSO HENRIQUES

Pai, foste cavaleiro.

Hoje a vigília é nossa.

Dá-nos o exemplo inteiro

E a tua inteira força!

Dá, contra a hora em que, errada,

Novos infiéis vençam,

A bênção como espada,

A espada como bênção!

SEXTO - D. DINIS

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo

O plantador de naus a haver,

E ouve um silêncio múrmuro consigo:

É o rumor dos pinhais que, como um trigo

De Império, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro,

Busca o oceano por achar;

E a fala dos pinhais, marulho obscuro,

É o som presente desse mar futuro,

É a voz da terra ansiando pelo mar.

SÉTIMO (I) - D. JOÃO O PRIMEIRO

O homem e a hora são um só

Quando Deus faz e a história é feita.

O mais é carne, cujo pó

A terra espreita.

Mestre, sem o saber, do Templo

Que Portugal foi feito ser,

Que houveste a glória e deste o exemplo

De o defender,

Teu nome, eleito em sua fama,

É, na ara da nossa alma interna,

A que repele, eterna chama,

A sombra eterna.

(11) SÉTIMO (II) - D. FILIPA DE LENCASTRE

Que enigma havia em teu seio

Que só gênios concebia?

Que arcanjo teus sonhos veio

Velar, maternos, um dia?

Volve a nós teu rosto sério,

Princesa do Santo Gral,

Humano ventre do Império,

Madrinha de Portugal!

PRIMEIRA - D. DUARTE - REI DE PORTUGAL

Meu dever fez-me, como Deus ao mundo.

A regra de ser Rei almou meu ser,

Em dia e letra escrupuloso e fundo.

Firme em minha tristeza, tal vivi.

Cumpri contra o Destino o meu dever.

Inutilmente? Não, porque o cumpri.

SEGUNDA - D. FERNANDO - INFANTE DE PORTUGAL

Deu-me Deus o seu gládio porque eu faça

A sua santa guerra.

Sagrou-me seu em honra e em desgraça,

Às horas em que um frio vento passa

Por sobre a fria terra.

Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me

A fronte com o olhar;

E esta febre de Além, que me consome,

E este querer grandeza são seu nome

Dentro em mim a vibrar.
E eu vou, e a luz do gládio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma.

SEGUNDA - D. FERNANDO - INFANTE DE PORTUGAL

Deu-me Deus o seu gládio porque eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,
Às horas em que um frio vento passa
Por sobre a fria terra.
Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me
A fronte com o olhar;
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer grandeza são seu nome
Dentro em mim a vibrar.
E eu vou, e a luz do gládio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma.

QUARTA - D. JOÃO - INFANTE DE PORTUGAL

Não fui alguém. Minha alma estava estreita
Entre tão grandes almas minhas pares,
Inutilmente eleita,
Virgemente parada;
Porque é do português, pai de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita
O todo, ou o seu nada.

QUINTA - D. SEBASTIÃO - REI DE PORTUGAL

Louco, sim, louco, porque quis grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.
Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?

NUN'ÁLVARES PEREIRA

Que auréola te cerca?
É a espada que, volteando,
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando.

Mas que espada é que, erguida,
Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida,
Que o Rei Artur te deu.
'Sperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver!

NUN'ÁLVARES PEREIRA

Que auréola te cerca?
É a espada que, volteando,
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando.
Mas que espada é que, erguida,
Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida,
Que o Rei Artur te deu.
'Sperança consumada,
S. Portugal em ser,
Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver!

A CABEÇA DO GRIFO - O INFANTE D. HENRIQUE

Em seu trono entre o brilho das esferas,
Com seu manto de noite e solidão,

Tem aos pés o mar novo e as mortas eras
O único imperador que tem, deveras,
O globo mundo em sua mão.

UMA ASA DO GRIFO - D. JOÃO O SEGUNDO

Braços cruzados, fita além do mar.
Parece em promontório uma alta serra
O limite da terra a dominar
O mar que possa haver além da terra.
Seu formidável vulto solitário
Enche de estar presente o mar e o céu.
E parece temer o mundo vário
Que ele abra os braços e lhe rasgue o véu.

A OUTRA ASA DO GRIFO - AFONSO DE ALBUQUERQUE

De pé, sobre os países conquistados
Desce os olhos cansados
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.
Não pensa em vida ou morte,
Tão poderoso que não quer o quanto
Pode, que o querer tanto
Calcara mais do que o submisso mundo
Sob o seu passo fundo.
Três impérios do chão lhe a Sorte apanha.
Criou-os como quem desdenha.

(2) POSSESSIO MARIS - I O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

Deus quis que a terra fosse toda uma,

Que o mar unisse, já não separasse.

Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

E a orla branca foi de ilha em continente,

Clareou, correndo, até ao fim do mundo,

E viu-se a terra inteira, de repente,

Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.

Do mar e nós em ti nos deu sinal.

Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.

Senhor, falta cumprir-se Portugal!

II - HORIZONTE

Ó mar anterior a nós, teus medos

Tinham coral e praias e arvoredos.

Desvendadas a noite e a cerração,

As tormentas passadas e o mistério,

Abria em flor o Longe, e o Sul sidério

'Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa –

Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta

Em árvores onde o Longe nada tinha;

Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:

E, no desembarcar, há aves, flores,

Onde era só, de longe a abstrata linha.

O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte
Os beijos merecidos da Verdade.

(1) III - PADRÃO

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para diante naveguei.
A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão sinala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.
E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.
E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

IV - O MOSTRENGO

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: «Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo:
«EI-Rei D. João Segundo!»
«De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso,
«Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?»
E o homem do leme tremeu, e disse:
«EI-Rei D. João Segundo!»
Três vezes do leme as mãos ergueu,
Três vezes ao leme as repreendeu,
E disse no fim de tremer três vezes:
«Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade que me ata ao leme,
De EI-Rei D. João Segundo!»

(9) V - EPITÁFIO DE BARTOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: Já ninguém o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.

VI - OS COLOMBOS

Outros haverão de ter
O que houvermos de perder.
Outros poderão achar
O que, no nosso encontrar,
Foi achado, ou não achado,
Segundo o destino dado.
Mas o que a eles não toca
É a Magia que evoca
O Longe e faz dele história.
E por isso a sua glória
É justa auréola dada
Por uma luz emprestada.

VIII - FERNÃO DE MAGALHÃES

No vale clareira uma fogueira.
Uma dança sacode a terra inteira.
E sombras disformes e descompostas
Em clarões negros do vale vão
Subitamente pelas encostas,

Indo perder-se na escuridão.
De quem é a dança que a noite aterra?
São os Titãs, os filhos da Terra,
Que dançam da morte do marinheiro
Que quis cingir o materno vulto
Cingi-lo, dos homens, o primeiro,
Na praia ao longe por fim sepulto.
Dançam, nem sabem que a alma ousada
Do morto ainda comanda a armada,
Pulso sem corpo ao leme a guiar
As naus no resto do fim do espaço:
Que até ausente soube cercar
A terra inteira com seu abraço.
Violou a Terra. Mas eles não
O sabem, e dançam na solidão;
E sombras disformes e descompostas,
Indo perder-se nos horizontes,
Galgam do vale pelas encostas
Dos mudos montes.

VIII - FERNÃO DE MAGALHÃES

No vale clareira uma fogueira.
Uma dança sacode a terra inteira.
E sombras disformes e descompostas
Em clarões negros do vale vão
Subitamente pelas encostas,
Indo perder-se na escuridão.

De quem é a dança que a noite aterra?

São os Titãs, os filhos da Terra,

Que dançam da morte do marinheiro

Que quis cingir o materno vulto

Cingi-lo, dos homens, o primeiro,

Na praia ao longe por fim sepulto.

Dançam, nem sabem que a alma ousada

Do morto ainda comanda a armada,

Pulso sem corpo ao leme a guiar

As naus no resto do fim do espaço:

Que até ausente soube cercar

A terra inteira com seu abraço.

Violou a Terra. Mas eles não

O sabem, e dançam na solidão;

E sombras disformes e descompostas,

Indo perder-se nos horizontes,

Galgam do vale pelas encostas

Dos mudos montes.

IX - ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra

Suspendem de repente o ódio da sua guerra

E pasmam. Pelo vale onde se ascende aos céus

Surge um silêncio, e vai, da névoa ondeando os véus,

Primeiro um movimento e depois um assombro.

Ladeiam-no, ao durar, os medos, ombro a ombro,

E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.

Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta
Cai-lhe, e em êxtase vê, à luz de mil trovões,
O céu abrir o abismo à alma do Argonauta.

(12) X - MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(4) XI - A ÚLTIMA NAU

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago
Mistério.
Não voltou mais. A que ilha indescoberta

Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,
Mas Sua luz projeta-o, sonho escuro
E breve.
Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou 'spaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.
Não sei a hora, mas sei que há a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mistério.
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Império.

(7) XII - PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.
Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá sopro, a aragem ou desgraça ou ânsia,
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

PRIMEIRO - D. SEBASTIÃO

Sperai! Cai no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa
Em sonhos que são Deus.
Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.

SEGUNDO - O QUINTO IMPÉRIO

Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!
Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

SEGUNDO - O QUINTO IMPÉRIO

Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!
Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz
Ter por vida a sepultura.
Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

(5) TERCEIRO - O DESEJADO

Onde quer que, entre sombras e dizeres,
Jazas, remoto, sente-se sonhado,
E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!
Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,
A alma penitente do teu povo
À Eucaristia Nova.
Mestre da Paz, ergue teu gládio unguido,
Excalibur do Fim, em jeito tal
Que sua Luz ao mundo dividido
Revele o Santo Gral!

QUARTO - AS ILHAS AFORTUNADAS

Que voz vem no som das ondas
Que não é a voz do mar?
É a voz de alguém que nos fala,
Mas que, se escutamos, cala,
Por ter havido escutar.
E só se, meio dormindo,
Sem saber de ouvir ouvimos,
Que ela nos diz a esperança
A que, como uma criança
Dormente, a dormir sorrimos.
São ilhas afortunadas,
São terras sem ter lugar,

Onde o Rei mora esperando.
Mas, se vamos despertando,
Cala a voz, e há só o mar.

QUINTO - O ENCOBERTO

Que símbolo fecundo
Vem na aurora ansiosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa.
Que símbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa, que é o Cristo.
Que símbolo final
Mostra o sol já desperto?
NA Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.

(6) PRIMEIRO - O BANDARRA

Sonhava, anônimo e disperso,
O Império por Deus mesmo visto,
Confuso como o Universo
E plebeu como Jesus Cristo.
Não foi nem santo nem herói,
Mas Deus sagrou com Seu sinal
Este, cujo coração foi
Não português mas Portugal.

SEGUNDO - ANTÓNIO VIEIRA

O céu 'strela o azul e tem grandeza.

Este, que teve a fama e à glória tem,

Imperador da língua portuguesa,

Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,

Constelado de forma e de visão,

Surge, prenúncio claro do luar,

El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.

É um dia; e, no céu amplo de desejo,

A madrugada irreal do Quinto Império

Doira as margens do Tejo.

(3) Os Avisos - TERCEIRO

Screvo meu livro à beira-mágoa.

Meu coração não tem que ter.

Tenho meus olhos quentes de água.

Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar

Meus dias vácuos enche e doura.

Mas quando quiserás voltar?

Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Cristo

De a quem morreu o falso Deus,

E a despertar do mal que existo

A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras português,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande anseio que Deus fez?

(10) PRIMEIRO - NOITE

A nau de um deles tinha-se perdido
No mar indefinido.
O segundo pediu licença ao Rei
De, na fé e na lei
Da descoberta, ir em procura
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.
Tempo foi. Nem primeiro nem segundo
Volveu do fim profundo
Do mar ignoto à pátria por quem dera
O enigma que fizera.
Então o terceiro a El-Rei rogou
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

*

Como e um cativo, o ouvem a passar
Os servos do solar.
E, quando, o vêem, vêem a figura
Da febre e da amargura,
Com fixos olhos rasos de ânsia
Fitando a proibida azul distância.
Senhor, os dois irmãos do nosso Nome
O Poder e o Renome

Ambos se foram pelo mar da idade
À tua eternidade;
E com eles de nós se foi
O que faz a alma poder ser de herói.
Queremos ir buscá-los, desta vil
Nossa prisão servil:
É a busca de quem somos, na distância
De nós; e, em febre de ânsia,
A Deus as mãos alçamos.
Mas Deus não dá licença que partamos.

SEGUNDO - TORMENTA

Que jaz no abismo sob o mar que se ergue?
Nós, Portugal, o poder ser.
Que inquietação do fundo nos soergue?
O desejar poder querer.
Isto, e o mistério de que a noite é o fausto...
Mas súbito, onde o vento ruge,
O relâmpago, farol de Deus, um hausto
Brilha, e o mar 'scuro 'struge.

TERCEIRO - CALMA

Que costa é que as ondas contam
E se não pode encontrar
Por mais naus que haja no mar?
O que é que as ondas encontram

E nunca se vê surgindo?
Este som de o mar praiar
Onde é que está existindo?
Ilha próxima e remota,
Que nos ouvidos persiste,
Para a vista não existe.
Que nau, que armada, que frota
Pode encontrar o caminho
À praia onde o mar insiste,
Se à vista o mar é sozinho?
Haverá rasgões no espaço
Que dêem para outro lado,
E que, um deles encontrado,
Aqui, onde há só sargaço,
Surja uma ilha velada,
O país afortunado
Que guarda o Rei desterrado
Em sua vida encantada?

QUARTO – ANTEMANHÃ

O mostrengo que está no fim do mar
Veio das trevas a procurar
A madrugada do novo dia,
Do novo dia sem acabar;
E disse: «Quem é que dorme a lembrar
Que desvendou o Segundo Mundo,
Numa o Terceiro quer desvendar?»

E o som na treva de ele rodar
Faz mau o sono, triste o sonhar,
Rodou e foi-se o mostrengo servo
Que seu senhor veio aqui buscar.
Que veio aqui seu senhor chamar
Chamar aquele que está dormindo
E foi outrora Senhor do Mar.

(8) QUINTO - NEVOEIRO

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fátuo encerra.
Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Numa o que é mal numa o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...
É a hora!
Vale, Fratres.